

outros

outros



outros

Artos

G A B I N E T E D E A R T E

Brasília, agosto a outubro de 2018



Athos Bulcão em essência

Poucos artistas tiveram a chance de tornar seus trabalhos tão presentes e explícitos numa cidade a ponto de sua obra se mesclar e se confundir com a própria cidade. Athos Bulcão foi um desses artistas: integrou sua arte à arquitetura de Oscar Niemeyer e contribuiu para trazer leveza e cor à cidade modernista criada no coração do Brasil.

A natureza desse espaço novo que surgia no final dos anos 1950 exigia criatividade e ousadia, que não faltaram a Bulcão. O crítico de arte Mário Pedrosa percebeu logo a vocação da nova capital ao dizer, no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, em 1958, que a América — e Brasília em especial — era o “lugar onde tudo poderia começar do começo”¹, um oásis onde o natural era dominar a natureza, contrapô-la e criar sem receios. Brasília era uma aventura épica. Sabendo disso, Bulcão abraçou o projeto e tornou-se talvez o mais perfeito parceiro de Niemeyer e Lúcio Costa. Integrada à arquitetura da nova capital, a arte de Bulcão não é adereço, decoração nem ruído, mas se associa às construções em harmonia de cor e forma, fazendo-nos pensar que os edifícios não poderiam existir sem ela. Os planos, as formas, os volumes, as cores e a arquitetura se fundem completamente.

Nascido no Rio de Janeiro, Athos Bulcão se mudou para o Planalto Central para ajudar na construção da nova capital brasileira, a convite de Niemeyer, em 1958. Foi o único dos criadores da cidade que residiu nela até o fim da vida.

Em 2018, quando completaria o centenário de seu nascimento, o artista é homenageado com esta exposição dentro do projeto Gabinete de Arte da Câmara dos Deputados. A mostra **Outros Athos** reúne 44 obras pouco conhecidas do artista, a partir de três coleções privadas de Brasília. A proposta é entender a dimensão da produção do artista e seu universo sensível de cores e formas justamente a partir de trabalhos que fogem às obras de integração da arquitetura que notabilizaram sua carreira.

As obras escolhidas mostram ao público um modernismo figurativo da década de 1940 e a transição gradual do artista para o abstracionismo geométrico, destacando ainda os desenhos de intensa gestualidade, com linhas orgânicas, do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Essas obras condensam o mais rico de Bulcão, sua capacidade inesgotável pelo experimento de materiais, de suportes e temática variada. Revelam o artista sempre curioso e inovador, com puro espírito modernista.

O historiador da arte e crítico Paulo Herkenhoff destaca esse viés modernista de Bulcão ao dizer que “o artista condensa experiências, viaja pela sua própria história e se renova em invenções. Athos Bulcão transforma suas certezas em novos riscos. É o mesmo e é outro. A síntese é um refinamento de cor, elegância de tratamento de espaço, leveza da matéria e sutilíssimo humor”². Para Herkenhoff, Bulcão foi quem melhor compreendeu as implicações dessa relação entre arte e arquitetura e não é sem razão que o artista está inscrito como um dos grandes nomes da história da arte do século XX.

As coleções

Para além dos conhecidos azulejos, dos relevos e dos projetos de integração arquitetônica, as obras das coleções de Adauto Cândido Soares, Igor Carneiro de Matos e do casal Onice Moraes e José Rosildete de Oliveira trazem para o grande público uma produção de gravuras e pinturas que começa nos anos 1940 (quando Bulcão ainda morava no Rio Janeiro) à sua última série de

desenhos, antes do seu falecimento, passando pelas serigrafias e máscaras. Nas pinturas da década de 1940, é fácil identificar um artista iniciante, pelo tratamento acadêmico da pintura fiel à tradição modernista. São retratos de amigos da família, em guache e aquarela, um deles do compositor Noel Rosa. Na paleta de cores percebemos os tons ocres e azuis, sem contornos. As cores se encontram e se fundem. Nas gravuras e nos desenhos em nanquim desse período, o artista explora paisagens. O tom prosaico dessas obras não poderia indicar um artista que se aventuraria pelo abstracionismo geométrico a partir dos anos 1950, certamente influenciado pelo impacto que foi a presença dos artistas concretistas na Bienal de São Paulo e pelo contato com artistas da Europa, onde viveu mais tarde por dois anos.

O tema Carnaval se faz presente em grande parte da produção do artista. Em algumas pinturas, os confetes e as pequenas estrelas tomam todo o espaço da tela, numa solução cuja escala e cujas pinceladas provocam volume e densidade. A cor não obedece a uma regra, variando de intensidade e matiz, demonstrando o caráter inovador que sempre acompanhou Bulcão. Sua pintura de pequenos fragmentos é uma dança pelo espaço da tela.

As serigrafias produzidas na década de 1970 apresentam cores mais fortes e já tornam presentes as máscaras — outra marca pela qual o artista ficou conhecido. Nesse período, depois de perder o cargo como professor de artes da Universidade de Brasília, em decorrência das perseguições da ditadura militar, Athos Bulcão vai para a França, onde visita o Museu do Homem e se depara com a riqueza das máscaras de sociedades africanas. Concomitantemente, como declarou em entrevista à jornalista Carmem Moretzsohn³, é impactado pela cena do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick (1968), em que aparece o feto de uma criança. Essa imagem é transportada para diversas obras ao longo de sua carreira — pinturas, serigrafias e em pequenas esculturas e relevos em que mistura materiais ordinários. Na exposição, apresentamos duas máscaras feitas com materiais sintéticos e coloridos. Nelas o artista cria relevos cuja representação aproxima a ideia da gênese do homem com a origem da arte.

A cor domina todo o trabalho de Bulcão. Na série de painéis para a Rede Sarah de Hospitais, o artista trabalha pensando nas crianças e cria animais em matizes fortes e formas geométricas. São originalmente murais do setor pediátrico do hospital, que mais tarde são transportados para o papel. Na mostra do Gabinete de Arte vemos três dessas figuras: Lula, Bichos e Mafuá.

A gestualidade é predominante na última série de desenhos do artista, em que se vê um emaranhado de linhas e pontos construídos com grafites e coloridos com lápis e canetinhas hidrocor. Esse conjunto de desenhos apresentado na exposição mostra o artista desafiando o equilíbrio das formas, experimentando o que poderia ser uma nova abstração. Os traços, às vezes sem firmeza, passeiam pelo plano, conduzindo uma forma a outra, como uma história que é contada, uma vida lembrada no silêncio do papel.

Clauder Diniz
Curador

¹ PEDROSA, Mário. *Arquitetura Ensaios Críticos*. Org. Guilherme Wisnik. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

² HERKENHOFF, Paulo. Apresentação da exposição *Pinturas, Máscaras e Objetos*. Espaço Capital, Brasília e Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, 1987. Disponível em <http://www.fundathos.org.br>

³ MORETZOHN, Carmem. O habitante do silêncio em Brasília, entrevista publicada no *Jornal de Brasília*, 02 07 1998. In *100 Anos de Athos Bulcão*. Org. Marília Panitz e André Severo. Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil. 2018.



Sem título
Sanguínea
32,5 x 22,5 cm
1942



Coleção Igor Carneiro de Matos



Vaso de Flor
Óleo sobre tela
32 x 22 cm
1947



Retrato (de Noel Rosa)
Aquarela
30 x 23 cm
1941



Sem título
Acrílica sobre tela
54 x 65 cm
1984

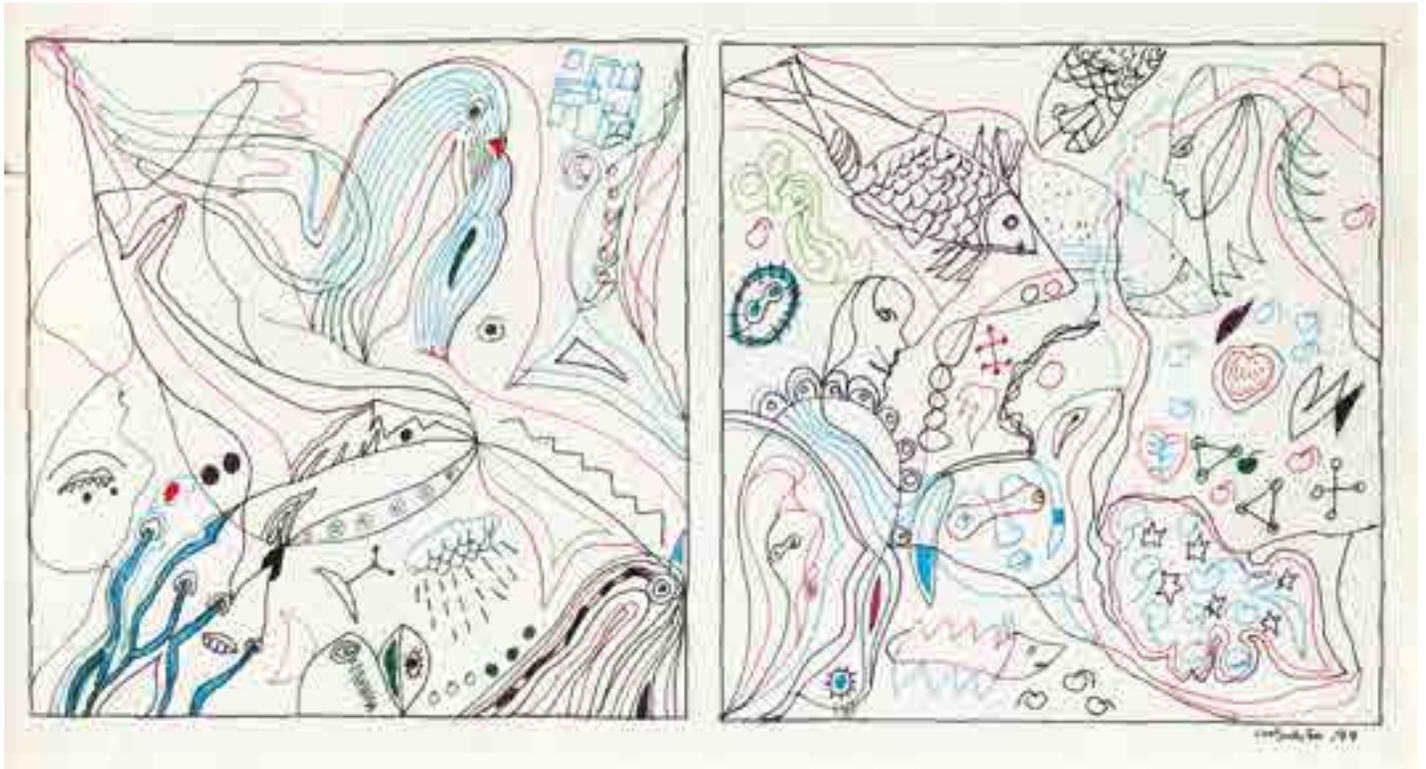
Sem título
Óleo sobre tela
31 x 43 cm
1988



Sem título

Guache e nanquim sobre
papel
48 x 34 cm
1947





Sem título

Nanquim, grafite e hidrocor sobre papel

41 X 22 cm

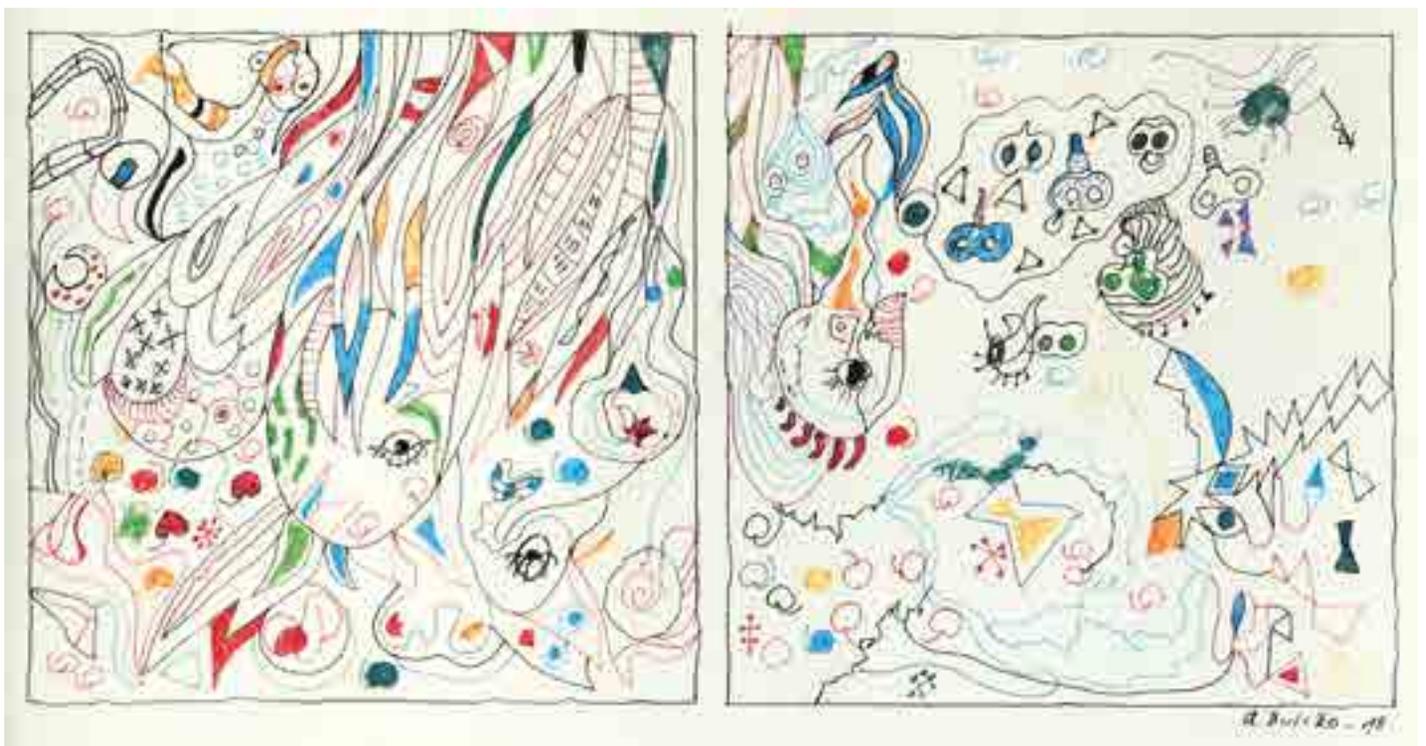
1999

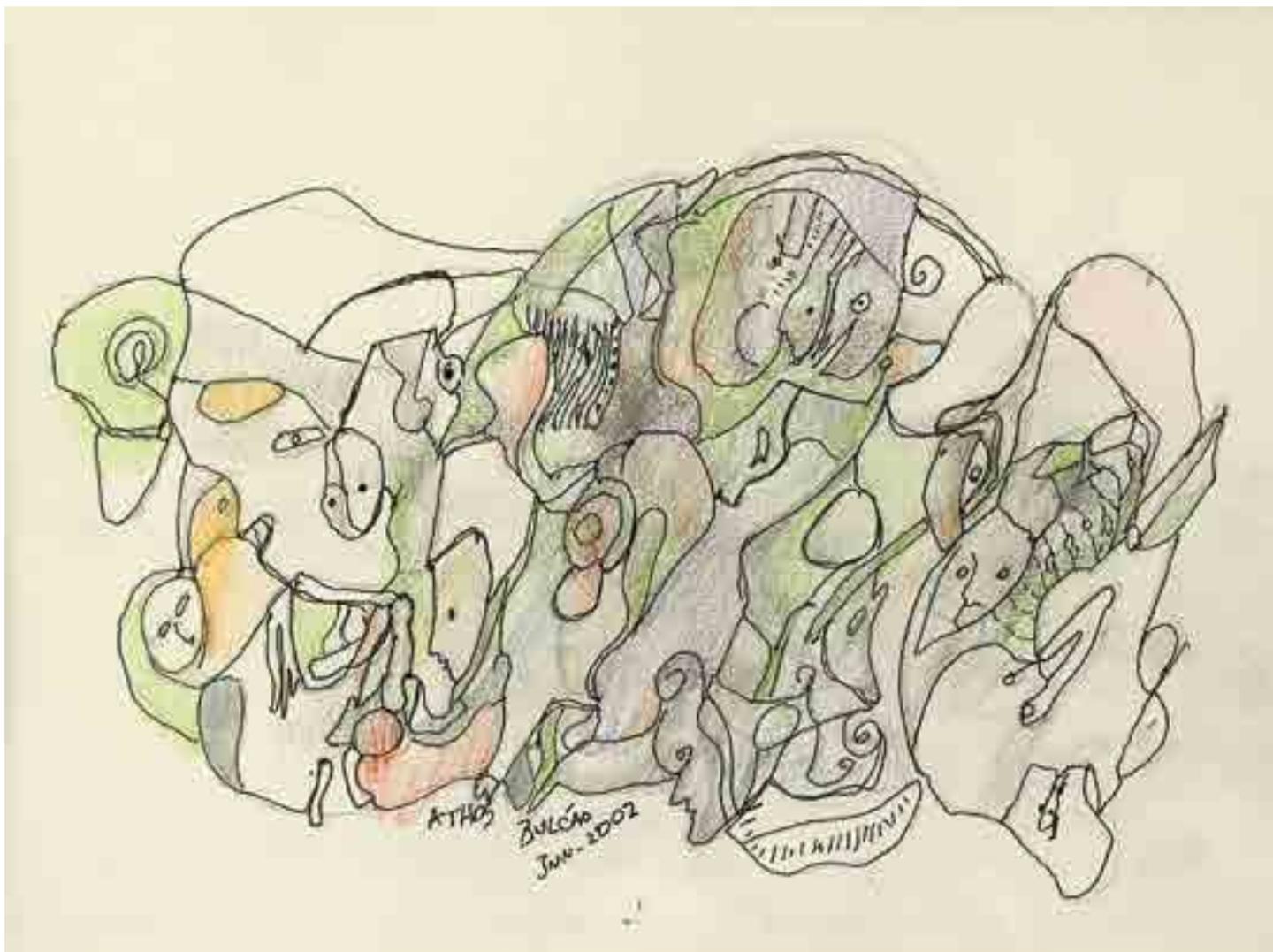
Sem título

Nanquim, grafite e hidrocor sobre papel

41 X 29 cm

1998



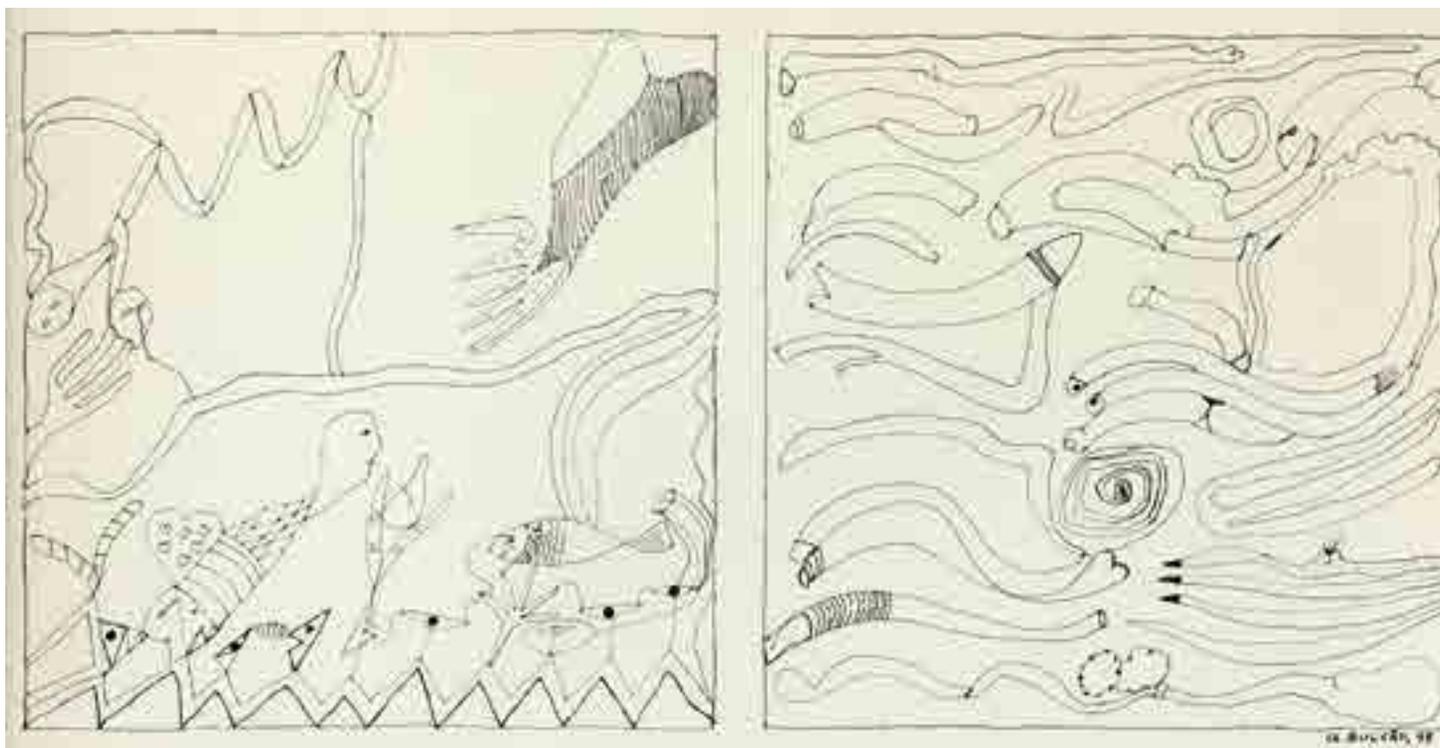


Sem título

Nanquim, grafite e lápis de cor sobre papel
28 X 20 cm
2002

Sem título

Nanquim sobre papel
43,5 X 31,5 cm
1998





Sem título
Nanquim
23 x 32 cm
1947

Sem título
Bico de pena
31 x 24 cm
1947





São Francisco
Nanquim sobre papel
31 x 25 cm
1948

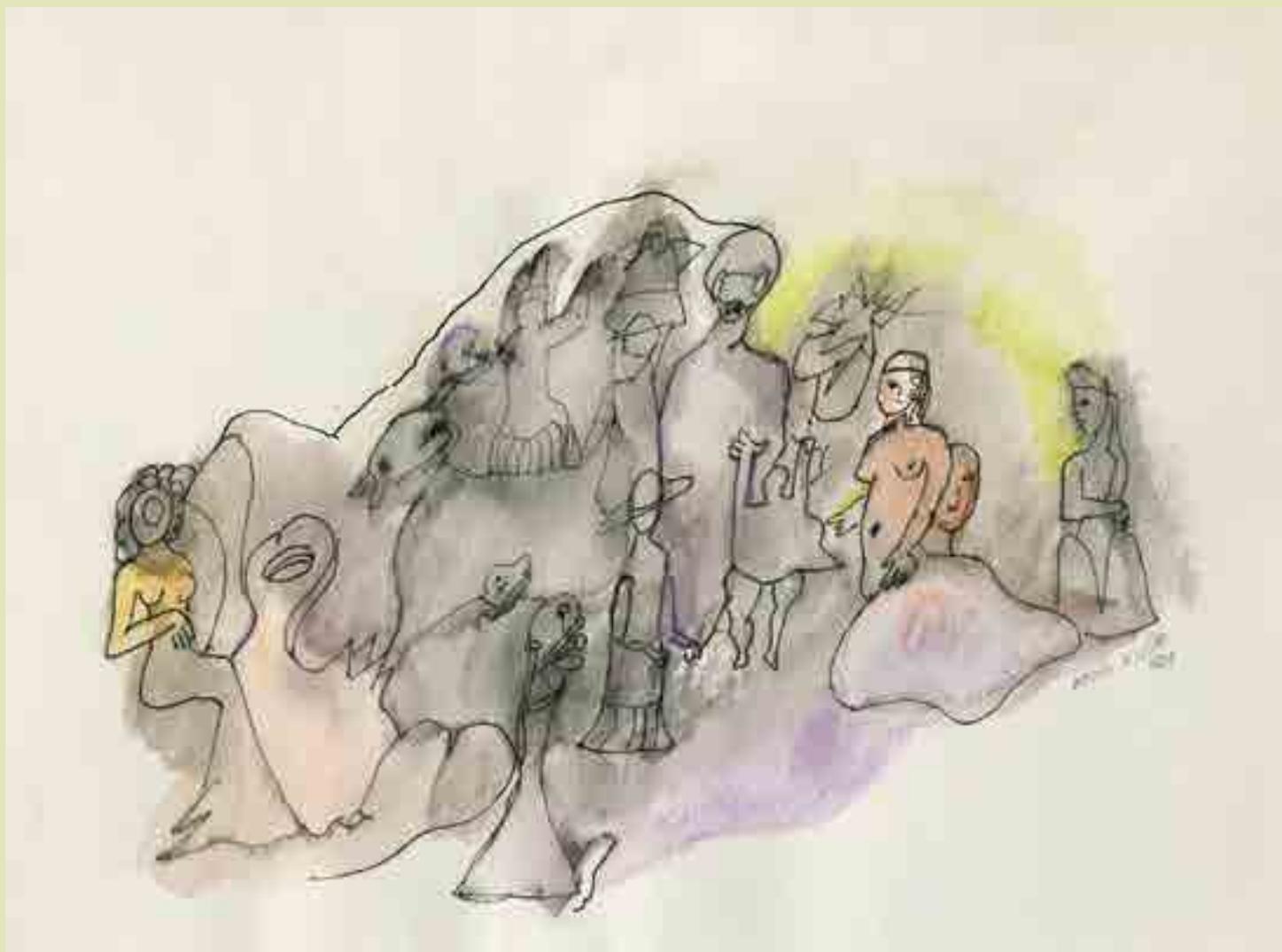


Máscara

Relevo policromado

40 x 40 x 7 cm

1987



Sem título

Caneta hidrográfica e aquarela sobre papel

38 x 46 cm

2001



Coleção Onice Moraes e José Rosildete de Oliveira



Athos desenha

Grafite e aquarela sobre papel

38 x 46 cm

2001

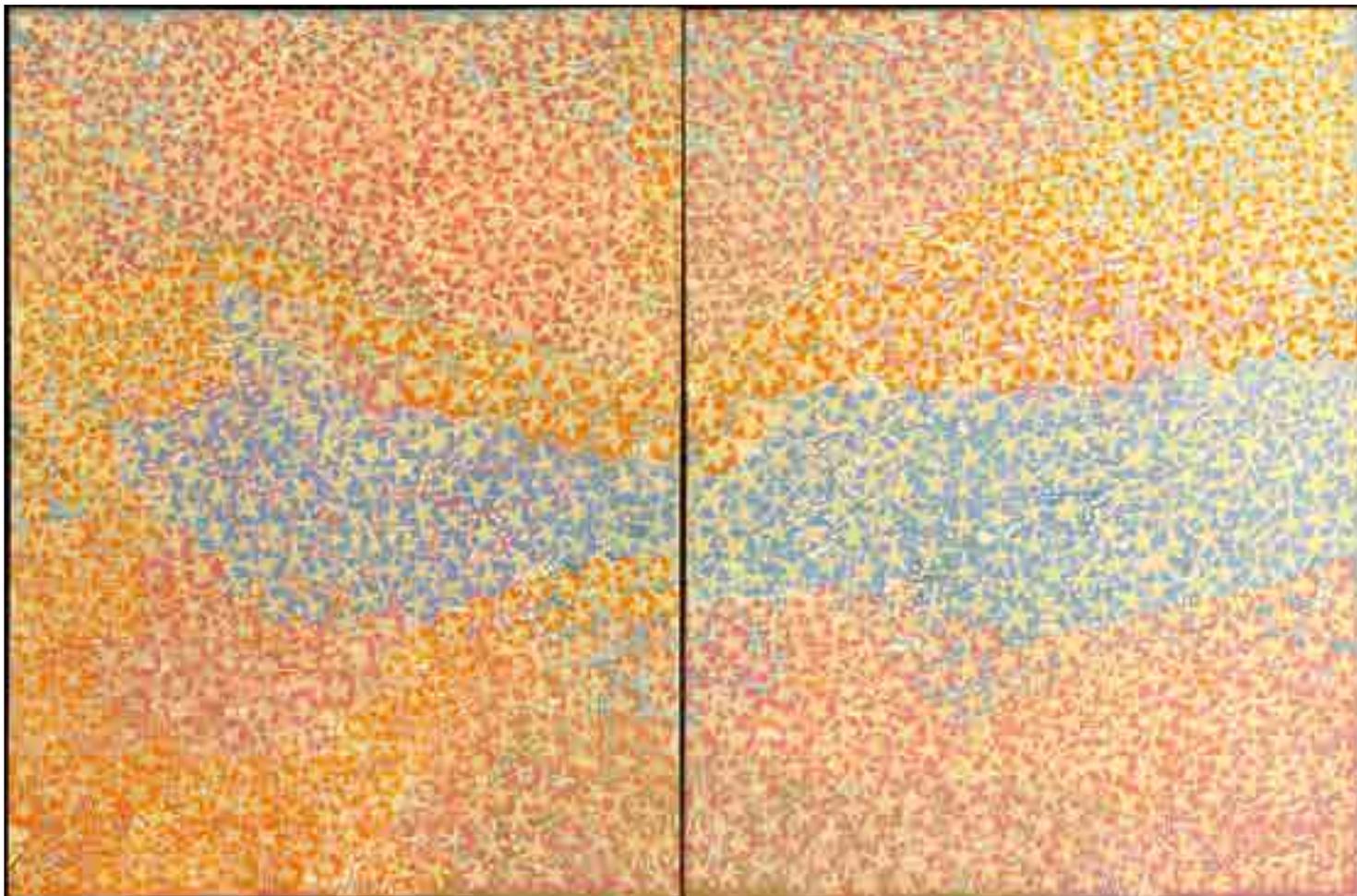


Sem título

Caneta hidrográfica, grafite, lápis de cor e aquarela sobre papel

38 x 46 cm

2001



As estrelinhas (díptico)

Acrílica sobre tela

83 x 123 cm

1993

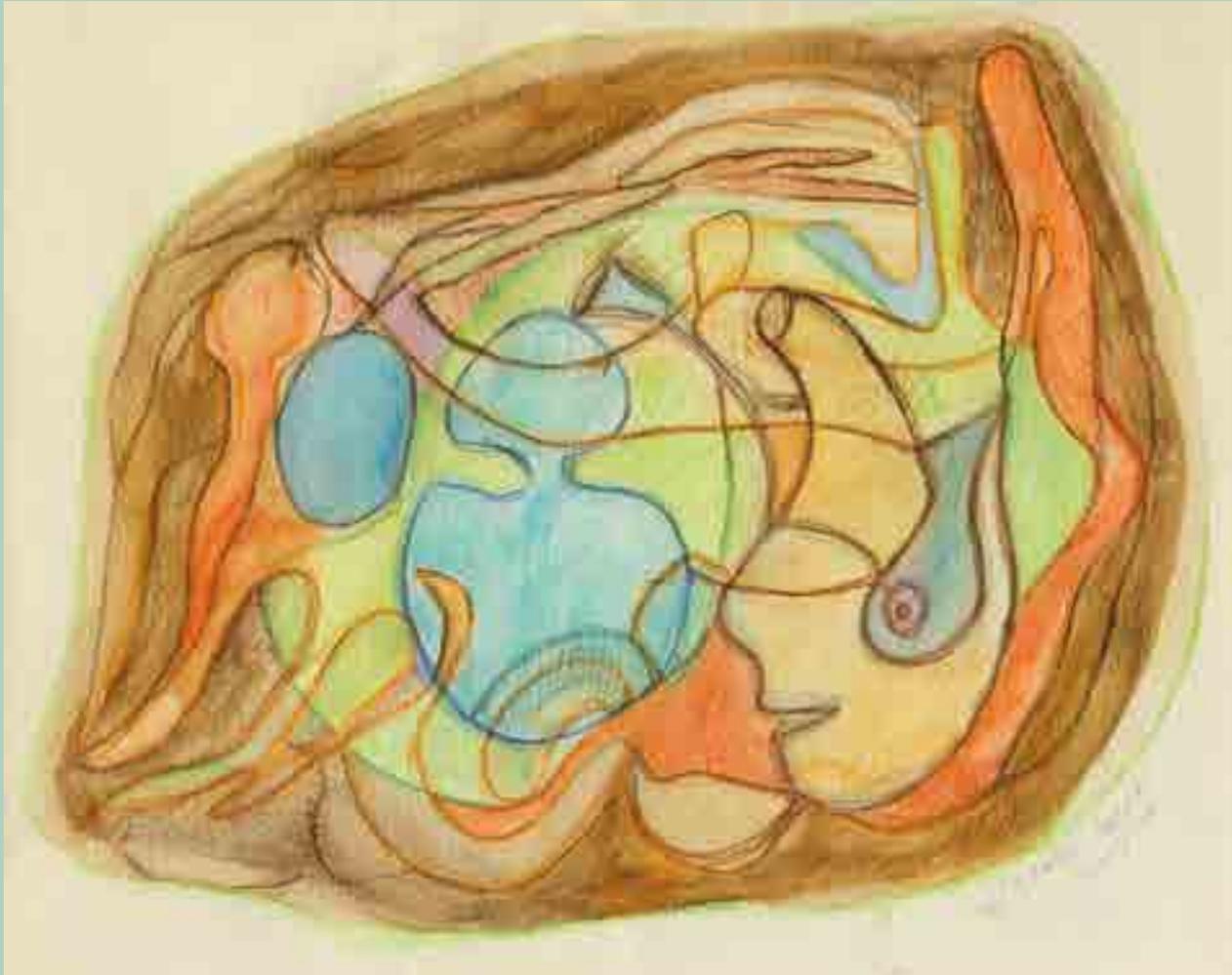


Ciranda das máscaras negras

Acrílica sobre tela

83,5 x 103,5 cm

2000



Sem título

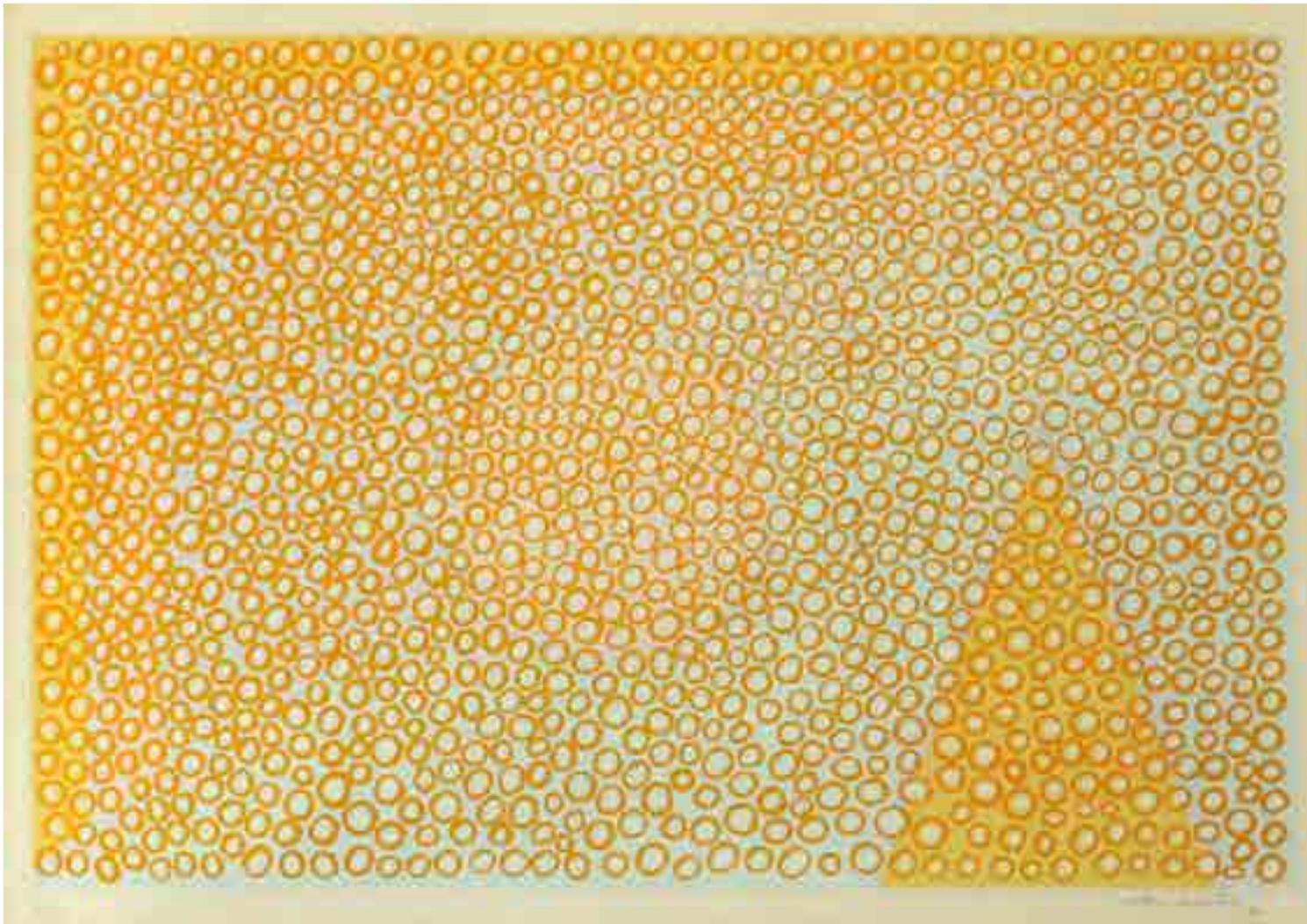
Aquarela e lápis de cor sobre papel

31 x 40 cm

07/2001



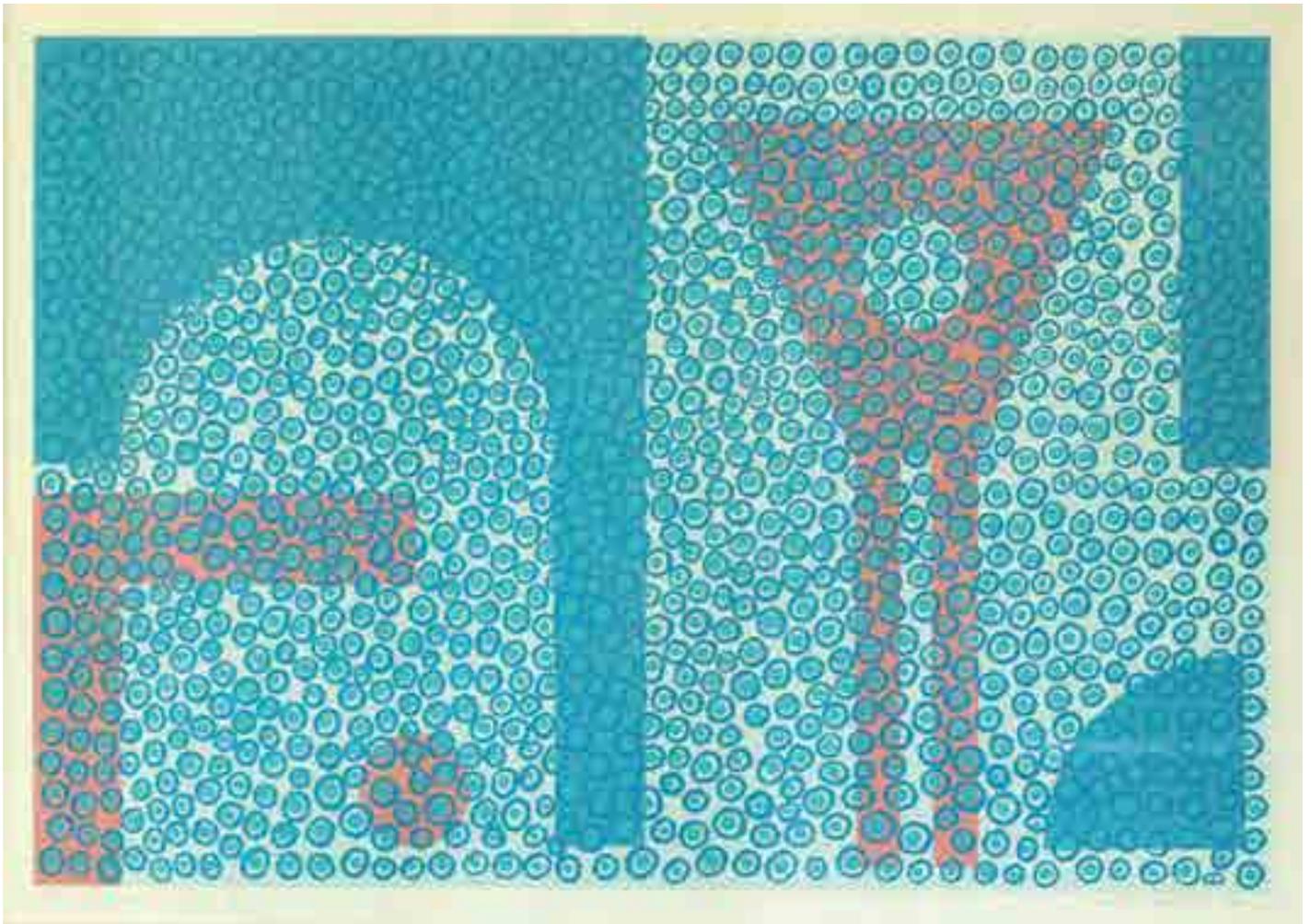
Coleção Aduato Cândido Soares



Sem título
Serigrafia
41,5 x 59 cm
1990

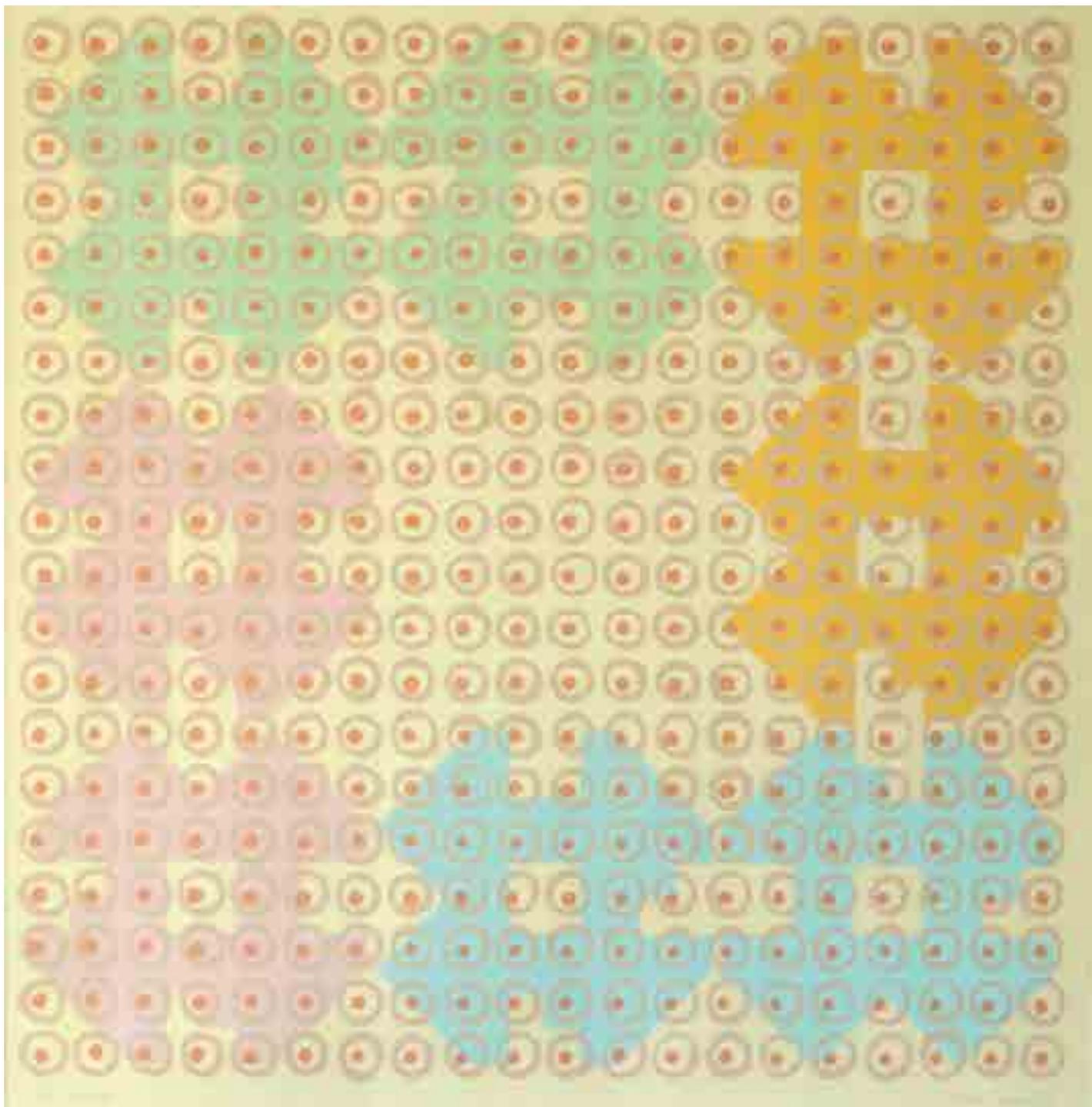


Variante II
Serigrafia
75 x 52 cm
1978



O Portal - Variante II

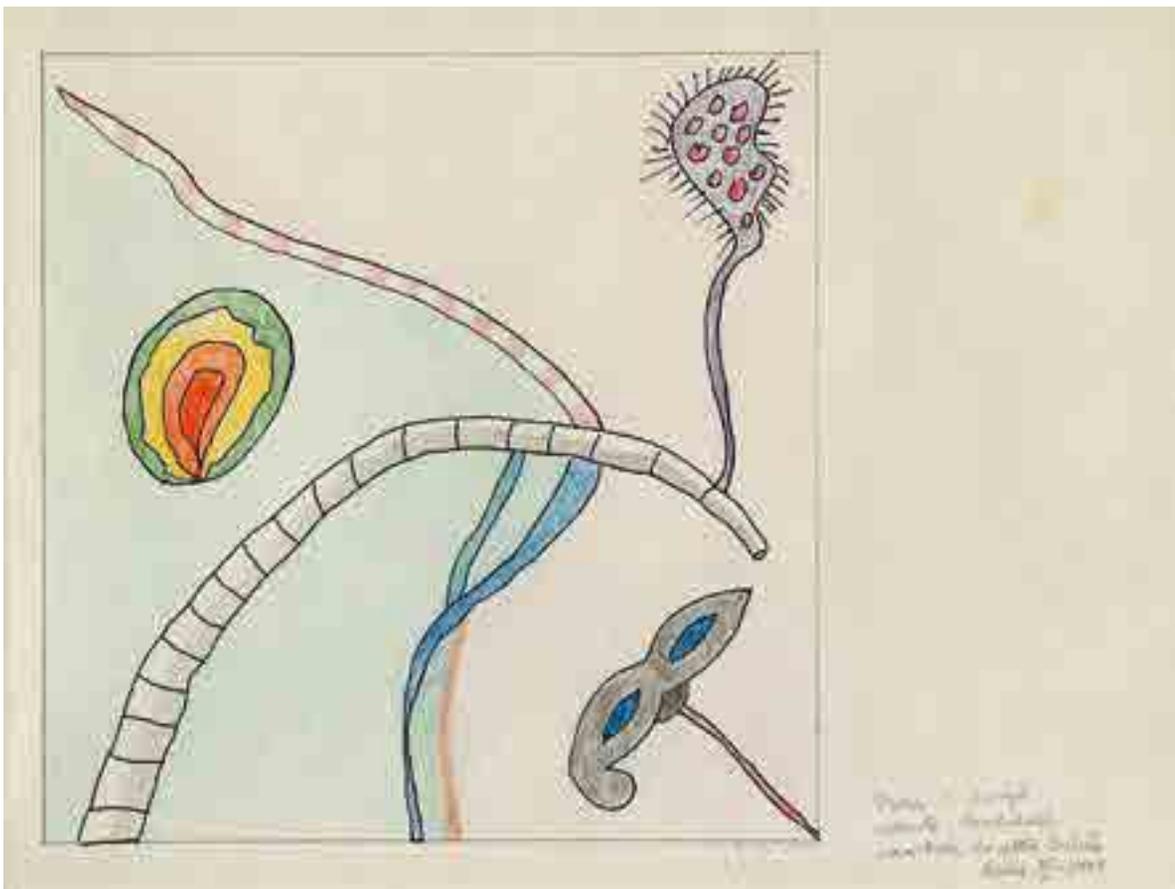
Serigrafia
38 x 56,2 cm
1990



Pampulha I
Serigrafia
56,3 x 56,5 cm
1992



Sem título
Aquarela sobre papel
20 x 27,5 cm
2001



Sem título

Nanquim e lápis de cor sobre papel
20,5 x 28,5 cm
03/2001

Sem título

Grafite e lápis de cor sobre papel
20,5 x 28,5 cm
10/2002





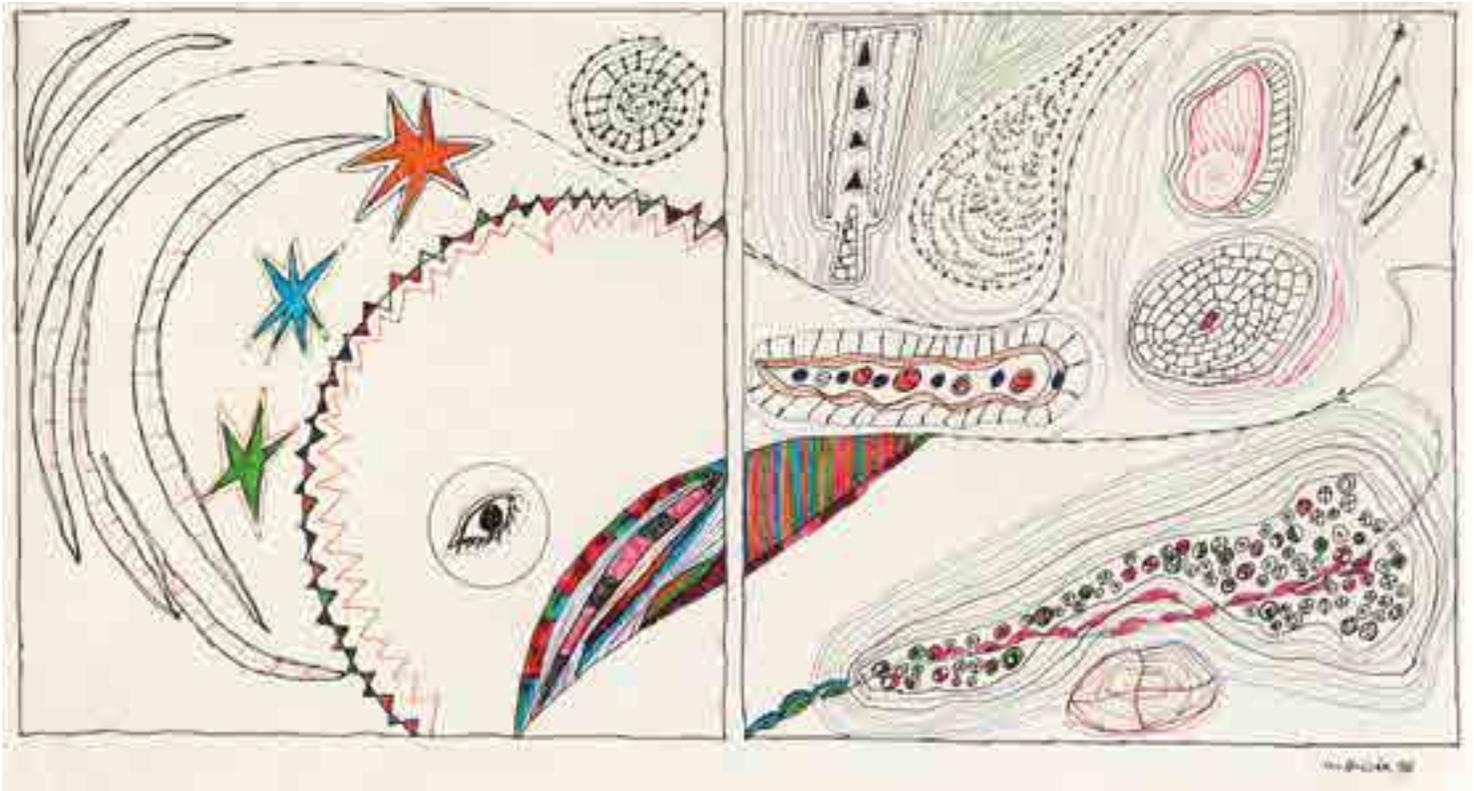
Mafuá II (Hospital Sarah Kubitschek, 1977)
Serigrafia
40,8 x 61 cm
2003

Lula II (Hospital Sarah/DF, 1997)
Serigrafia
40,6 X 61,1 cm
2003





Bichos
Serigrafia
36,2 x 52,5 cm
1996



Sem título
 Nanquim e hidrocor sobre papel
 22 x 41 cm
 1998

Sem título
 Nanquim e hidrocor sobre papel
 29x 41,5 cm
 1998





Sem título

Bico de pena e grafite sobre papel
28,5 x 41 cm
1999



Sem título

Bico de pena e grafite sobre papel
28,5 x 39 cm
02/1999

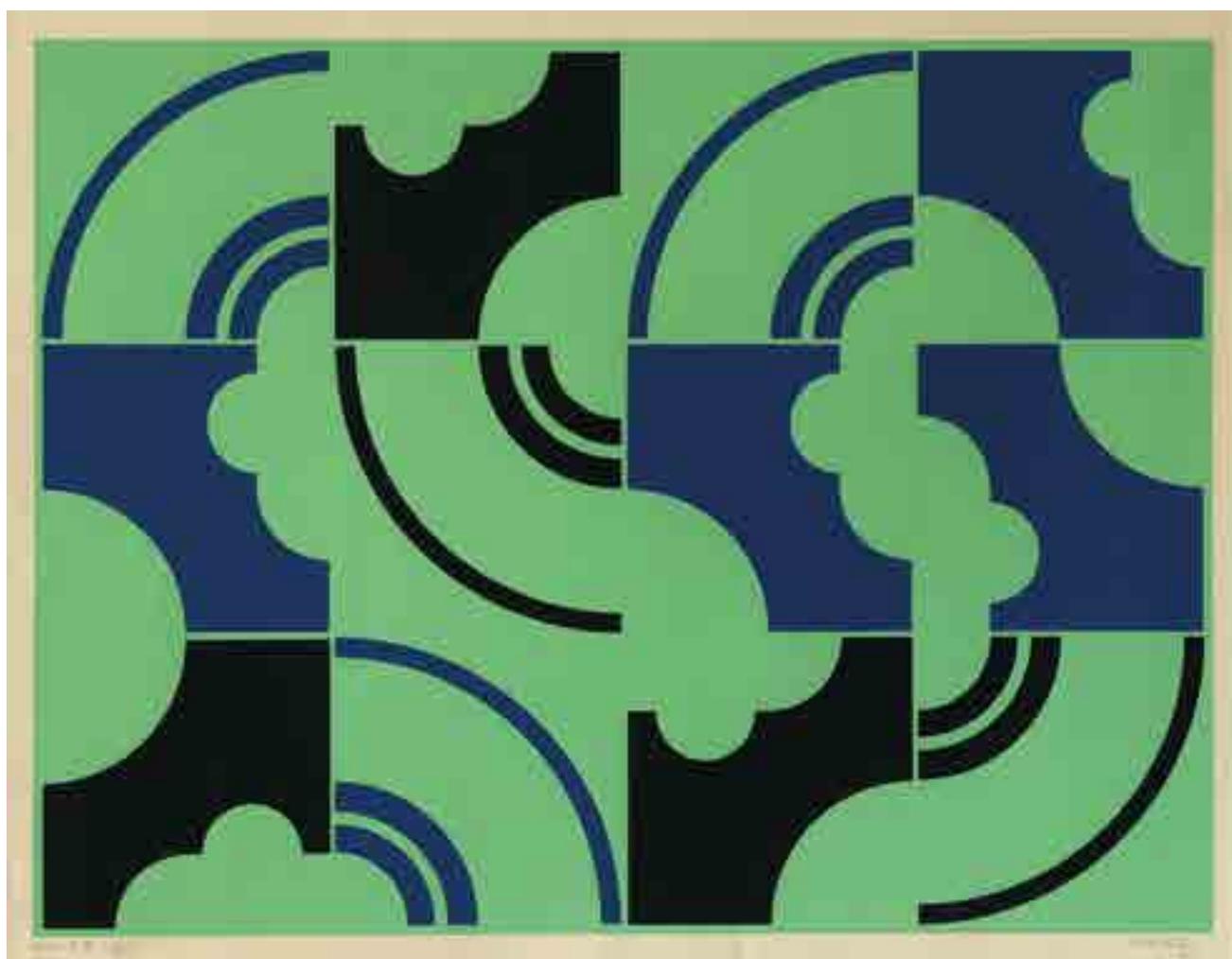


Sem título

Bico de pena e grafite sobre papel
20,5 x 28,5 cm
2001



Máscara Narciso
Relevo policromado
34,00 x 34,00 x 7,00 cm
1996



Variante III
Serigrafia
45,7 x 60,7 cm
1980

Sem título
Serigrafia
50,7 x 35,6 cm
1978



Máscara com Trevo
Serigrafia
35,1 x 52,1 cm
1978





Sem título
Serigrafia
48 x 33,1 cm
1978



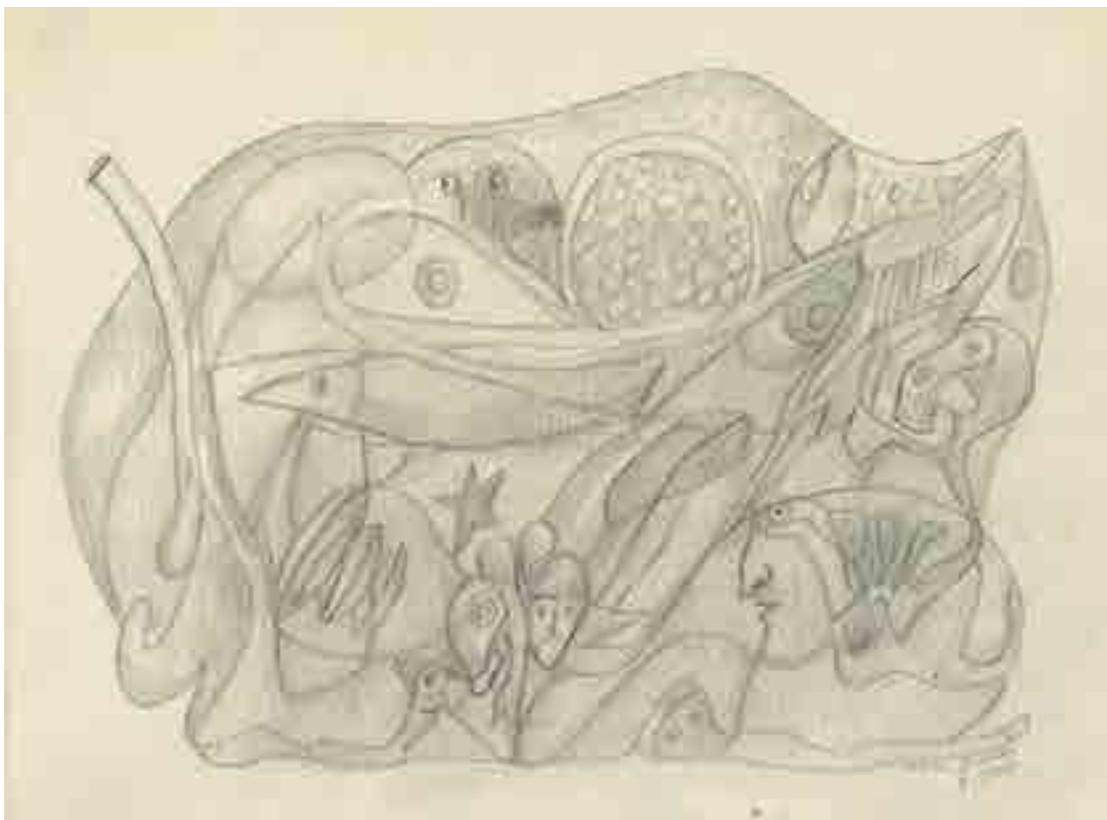
Máscara Azul
Serigrafia
34 x 22 cm
1978

Sem título

Grafite sobre papel

20,5 x 28 cm

2001

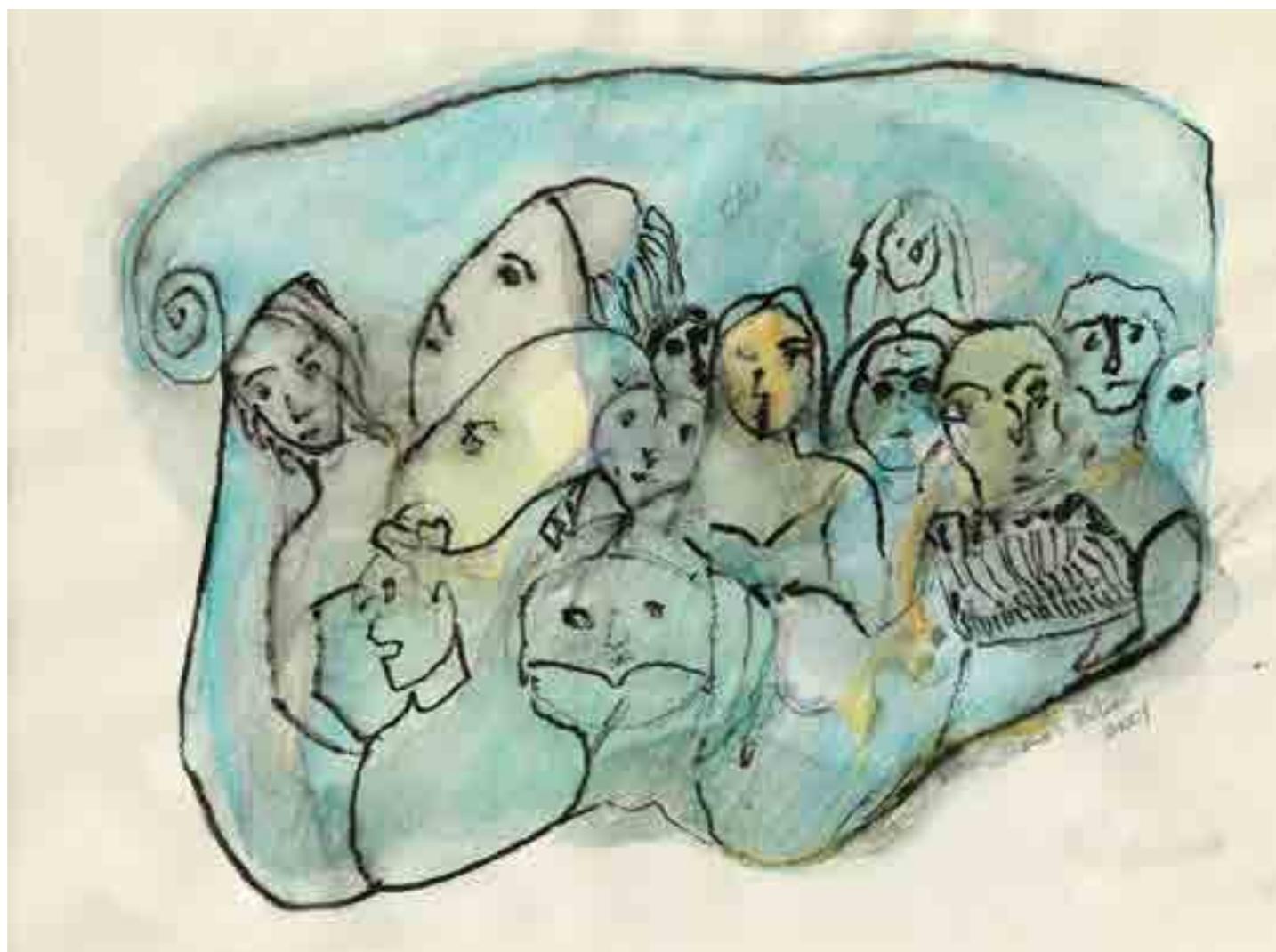


Sem título

Grafite sobre papel

20 x 28,5 cm

2001



Sem título
Aquarela sobre papel
20,5 x 28 cm
2001

A obra do colecionador, a obra do curador

As coleções particulares formam a base das instituições museológicas desde seu princípio, e os colecionadores, motores de todo o processo, são os personagens responsáveis por alimentar essas instituições.

Esse processo de pesquisar, adquirir, classificar, organizar e, por fim, tornar sua coleção acessível ao público, constitui um fluxo complexo, repleto de desdobramentos que acabam por gerar coleções únicas, representantes exclusivas da alma do colecionador.

Ao iniciar a etapa de disponibilizar a coleção ao público — por meio da cessão de peças para mostras, como a presente exposição, ou por meio de mostras inteiras com base em uma só coleção —, o colecionador começa a se expor, a revelar seus interesses, suas amizades, seu ciclo de relacionamentos, seu gosto pessoal. O perfil do colecionador está ali, devassado por uma paixão, uma representação íntima, pessoal e única, amparado pela riqueza léxica que a arte dos nossos tempos nos oferece.

Cada colecionador estabelece sua relação com suas obras e seu processo. Alguns podem ser mais impulsivos, outros mais comedidos, alguns mais apaixonados, outros mais estratégicos. Podem admirar um artista, um período, a arte de um lugar ou mesmo iniciar sua coleção a partir de um lugar específico e repleto de arte.

Como coloca o curador Luiz Camilo Osório,

Uma coleção particular tem sempre as suas idiossincrasias. O gosto específico e singular de seu proprietário é o que, ao fim e ao cabo, vai lhe dar um perfil. E é ótimo que assim seja. Nada mais chato do que a pretensão a uma visão neutra e imparcial da arte. O importante é a motivação de se construir uma única coleção com este compromisso contemporâneo. A aposta sobrepõe-se ao óbvio; os riscos são imensos, porém há recompensas.

O que podemos dizer de quem coleciona obras de um artista que participou da gênese da nova capital federal, que deixou sua marca nas principais edificações da cidade, dos palácios mais suntuosos aos mercados mais populares, em paradas para descanso e nos salões das mais nobres residências de Brasília?

São admiradores de seu trabalho? Com certeza são, mas não só isso.

O economista Adauto Cândido Soares foi amigo próximo de Athos Bulcão. Apaixonado por suas gravuras, máscaras e desenhos, conheceu o artista por obra do acaso em 1990, ficando mais próximo dele a partir dos anos 2000. Admirador do artista e da obra, acompanhou-o de perto até o falecimento de Athos.

Naquele primeiro encontro, adquiriu diretamente com o artista a primeira obra de Athos. Hoje com 40 obras do artista, adquiridas ora diretamente com o artista, ora em leilões e galerias, interessa-se por toda a produção do amigo, particularmente pelas gravuras, desenhos e máscaras.

Já a galerista Onice Moraes é proprietária da mais antiga galeria de arte em funcionamento de Brasília. Forma com o marido, José Rosildete de Oliveira, um casal de vorazes colecionadores.

Ao abrir a galeria nos anos 90, o casal conheceu Athos e tornou-se parceiro do artista, estabelecendo uma relação não apenas comercial, mas também pessoal. Essa parceria teve seu ponto alto na segunda mostra individual do artista, uma exposição somente de desenhos realizada no ano de 2005. A mostra deu origem ao livro *Athos Desenha*, uma parceria entre a galeria e o artista Bené Fonteles.

Certamente a galeria favorece a atividade de colecionar. Grandes oportunidades passam por ali, sempre que possível abraçadas pelo casal, como os trabalhos de Athos. Atualmente a galeria não dispõe mais de obras de Athos Bulcão, enquanto o acervo dos colecionadores contabiliza quase cinquenta obras, entre desenhos, pintura, gravuras e objetos.

Já o advogado Igor Carneiro de Matos nunca conheceu o artista. Sua relação com a obra de Athos veio através de sua vivência na cidade, onde nasceu, cresceu e reside até hoje. A partir dessa relação com a cidade, Matos despertou especial interesse pelo artista, onipresente na capital federal.

Sua curiosidade fez com que procurasse a produção do artista como um todo. Não se contentando apenas com os monumentais painéis e estruturas dos espaços públicos e palácios, buscou conhecer a trajetória completa de Athos, e, ao entrar em contato com o início da sua produção, encantou-se.

São dele as sete obras dos anos 40 apresentadas na mostra. Matos possui especial atração pela produção dos anos 40 e 50, trabalhos menos conhecidos e, segundo o colecionador, ainda pouco valorizados.

Sob os olhares dos colecionadores formam-se as coleções. Únicas, a partir dos meios, desejos, possibilidades e alcance de cada colecionador. A partir delas a curadoria arquiteta seu enredo, estabelece seus recortes e suas propostas, define sua linguagem e seu percurso. Assim como os colecionadores, o curador também põe seu filtro, sua luz. Uma nova obra se estabelece a partir dali. Assim como cada coleção, a mostra também será única, uma combinação das visões de cada colecionador, agora impregnada pela subjetividade do curador.

Conceber uma mostra somente com obras de coleções particulares, além de valorizar a atividade dos colecionadores, enriquece o produto final. Apoia o processo durante sua execução, valoriza quem se apaixona e se arrisca. Buscar obras entre colecionadores particulares é, em última instância, pontuar onde está a produção mais autoral, paralela e incomum, e seguramente é dali que viriam as obras que moldam os *Outros Athos*.

André Luiz Ribeiro Vitorino
Historiador Da Arte



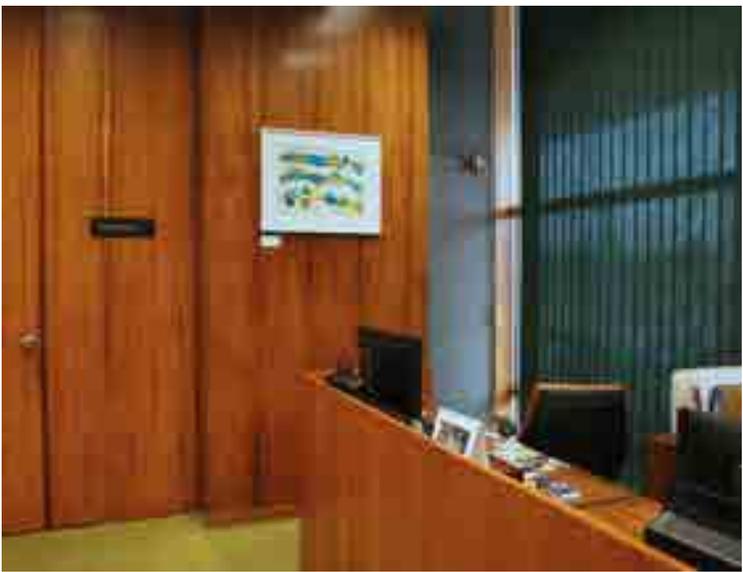
A exposição











Biografia de Athos Bulcão

1918 – Nasce em 2 de julho, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

1939 – Convive com artistas como Carlos Scliar, Roberto Burle Marx e Enrico Bianco e com escritores, poetas, arquitetos e músicos. Abandona o curso de medicina para dedicar-se à pintura.

1941 – Conquista a medalha de prata em desenho e pintura no Salão Nacional de Belas-Artes, Divisão Moderna.

1942 – Participa do Grupo Dissidente, formado por jovens artistas afastados ou que se negavam a integrar a Escola de Belas-Artes.

1943 – Conhece o arquiteto Oscar Niemeyer.

1945 – Trabalha como assistente do pintor Cândido Portinari na execução do painel em azulejos da Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte. Faz estágio no ateliê do artista no Rio de Janeiro.

1948 – Ganha bolsa de estudos do governo francês. Em Paris, frequenta cursos de desenho e litografia.

1949 – Condecorado com menção honrosa em concurso de desenho na Cité Universitaire. Participa do projeto editorial Dez Artistas da América Latina, organizado por Carlos Scliar e editado pela Maison de L'Amérique Latine.

1951 – Visita a primeira edição da Bienal de São Paulo, cujas obras causam grande impacto em toda a comunidade artística.

1952 – É admitido como funcionário do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

1953 – Realiza figurinos para peças teatrais de O Tablado, grupo teatral de Maria Clara Machado.

1955 – Colabora com o arquiteto Oscar Niemeyer com azulejos externos do Hospital SulAmérica no Rio de Janeiro, atual Hospital da Lagoa. Inicia a colaboração com as revistas *Módulo* e *Brasil Arquitetura Contemporânea*.

1957 – Começa sua colaboração com os projetos de Brasília, a convite do arquiteto Oscar Niemeyer.

1958 – Transfere-se em agosto para Brasília com Oscar Niemeyer e equipe. Realiza os primeiros projetos para a capital: da Igrejinha Nossa Senhora de Fátima e do Brasília Palace Hotel.

1960 – Inauguração de Brasília, com obras de Athos Bulcão em diversos prédios da nova capital.

1963 – Começa a lecionar no Instituto de Artes da Universidade de Brasília, a convite de Darcy Ribeiro.

1965 – Em protesto contra a demissão de alguns professores perseguidos pelo regime militar. Há pedido de demissão coletiva de 233 de 305 professores que atuavam na Universidade. Bulcão é um deles.

1966 – Projeta os relevos do Teatro Nacional Claudio Santoro, executados no ano seguinte.

1971 – Passa uma temporada em Paris, onde trabalha em projetos de Niemeyer na França, Itália e Argélia.

1975 – Colabora com João Filgueiras Lima, o Lelé, nos projetos para o Hospital Sarah Kubitschek.

1988 – É reintegrado à Universidade de Brasília pela Lei da Anistia, até sua aposentadoria, em 1990.

1992 – É criada a Fundação Athos Bulcão, com a doação de seu arquivo e inúmeras obras. O lançamento da instituição se dá com a abertura da exposição *Retrospecto*, no Palácio do Itamaraty.

1994 – Participa da exposição *Bienal do Século XX*, organizada pela Fundação Bienal de São Paulo.

1999 – É agraciado com o título de doutor honoris causa pela Universidade de Brasília. No mesmo ano é condecorado como comendador da Ordem de Rio Branco pelo presidente da República.

2006 – É promovido a grande oficial da Ordem de Rio Branco e realiza exposição retrospectiva de sua carreira no Espaço Cultural Contemporâneo, em Brasília.

2008 – Falece aos 90 anos, no dia 31 de julho, no Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília, por complicações decorrentes do mal de Parkinson.



G A B I N E T E D E A R T E

De agosto a outubro de 2018, segunda a sexta, das 9h às 17h
Gabinete da Presidência | Edifício Principal | Câmara dos Deputados

Câmara dos Deputados | Mesa Diretora da Câmara dos Deputados PRESIDENTE Rodrigo Maia (DEM/RJ) | 1º VICE-PRESIDENTE Fábio Ramalho (PMDB/MG) | 2º VICE-PRESIDENTE André Fufuca (PP/MA) | 1º SECRETÁRIO Giacombo (PR/PR) | 2ª SECRETÁRIA Mariana Carvalho (PSDB/RO) | 3º SECRETÁRIO JHC (PSB/AL) | 4º SECRETÁRIO André de Paula (PSD/PE) | SUPLENTEs Dagoberto Nogueira (PDT/MS), César Halum (PRB/TO), Pedro Uczai (PT/SC), Carlos Manato (SD/ES) | PROCURADOR PARLAMENTAR Hildo Rocha (PMDB/MA) | CORREGEDOR PARLAMENTAR Evandro Gussi (PV/SP) | DIRETOR-GERAL Lucio Henrique Xavier Lopes | SECRETÁRIO-GERAL DA MESA Leonardo Augusto de Andrade Barbosa

COORDENAÇÃO DO PROJETO Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Márcio Marinho (PRB/BA) | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL David Miranda | DIRETORA DO CENTRO CULTURAL Isabel Flecha de Lima | NÚCLEO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA COORDENAÇÃO Clauder Diniz | CURADORIA E PRODUÇÃO Clauder Diniz | REVISÃO Maria Amélia Elói | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO André Ventorim, Edson Caetano, Paulo Titula, Wendel Fontenele | PROJETO GRÁFICO Ely Borges | FOTOGRAFIA Taísa Viana | NÚCLEO DE MUSEU COORDENAÇÃO Marcelo Sá de Sousa | MUSEÓLOGA Luciana Scanapieco | CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO Serviço de Preservação - COBEC/CEDI | MATERIAL GRÁFICO Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Agradecimentos

André Luiz Ribeiro Vitorino, Eliane Eyre, Gilmar Pereira Valadares, Marcelo Henrique Lima e Pedro Sergio Santos.

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF
<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, agosto a outubro de 2018



Secretaria de Comunicação Social
Centro Cultural





Secretaria de Comunicação Social
Centro Cultural



FUNDAÇÃO
ATHOS
BULCÃO

25 anos

